

EDITORIAL

No dia 27 de Setembro de 1996 celebrou-se o tricentenário do nascimento de Santo Afonso. Em preparação para esse centenário, um grupo de juristas italianos quis lembrar a obra moral do santo napolitano fazendo estudos sobre a dívida externa, a dívida várias vezes paga, mas não quitada... Essa situação ambígua cria para os moralistas católicos muito desconforto por causa dos lucros dos especuladores agora já em nível de ação universal. Como definir e como justificar esse empréstimo lucrativo de dinheiro? Como exigir um preço sobre a moeda que não seja o nominal? E principalmente como obrigar moralmente alguém a restituir com um prejuízo violento quando o empresário não é prejudicado em suas posses, mas vê diminuídas apenas as suas polpudas margens de lucro?

Em poucas linhas, nosso moralista, P. Márcio Fabri dos Anjos resume os sentimentos da moral do passado e da moral de hoje, tentando sobretudo compreender Santo Afonso no seu esforço de analisar os contratos de cessão de dinheiro com suas condições de empréstimo e de cobrança da parte do emprestador e de seu devedor. Bastaria ir assinando o que o mais esperto escreve nos papéis que vão e vem nesses casos (cfr Lc 16, 6-7)?

Não é somente a economia que traz problemas teóricos e práticos para o moralista cristão. Num mundo onde o nominalismo das classificações é importante, cada um busca **aparecer** como sendo... as palavras tornam-se instrumento de justificação para as situações mais contraditórias. Imagine-se um casamento onde faltasse a condição de casal. Violentando todas as leis da física, há quem tente fazer o milagre através de um passe de magia linguística, criando a proposta de uma lei que declarasse casamento de a união genital de homossexuais.

Isso aconteceu no Brasil e o problema não pode ser descartado com uma crítica que só olhe o externo. A moral cristã analisou na última Campanha da fraternidade a ausência de justiça e de amor cristão para com os criminosos presos e que por isso tornam-se os excluídos da sociedade. Se os condenados merecem amor apesar dos seus crimes, pode uma lei culturalmente cristã substituir o **disparate proposto na Câmara dos deputados?**¹

Convidado pela CNBB que o envia quase como um de seus assessores, o Pe. Leonardo Martin, do Instituto Teológico-Pastoral do Ceará (Fortaleza) traz para nós o documento lido na

1. Conferir o interessante artigo que comenta situações semelhantes: Francesco D'AGOSTINO, *La morale della comunità cristiana e le legislazioni statali contemporanee*. Em *ANGELICUM* 73 (1996-1) pp. 67-79.

Comissão que estudava a lei e que usou muitas das suas indicações para o projeto substitutivo que hoje está sendo estudado. A partir dos três últimos documentos da Santa Sé temos um estudo sólido que chega a convencer políticos a serem mais **lógicos nas suas propostas de lei**. Um diálogo com o mundo de hoje com seu pluralismo e sua sede de serviço da Igreja que pode servir de modelo. Quem sabe em vez de chorar leite derramado algum teólogo não vai se dispor a estudar seriamente as situações reais da nossa sociedade e vai tomar o risco de propor algo melhor que as propostas dos políticos. Missão difícil, mas dentro dos pedidos do Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes* nº 28 § 2. Um documento a ler e meditar e ainda por cima com chancela oficial...

Do México recebemos uma contribuição interessante do Pe. Juan Miguel Hurtado Lopes, da Comisión Teológica Nacional de CEBs. Uma reflexão em teologia narrativa sobre a relação entre a Eucaristia, a festa comunitária de uma celebração de aniversário onde fé e alegria se transformam em esperança e amor efetivo. Como comungar na distribuição do Pão da vida no mais estreito abraço social sem depois se comprometer com os outros momentos sofridos da vida, momentos que são fruto do pecado humano? Como sorrir juntos, rezar um “Ide e que o Senhor vos acompanhe” se depois a gente não puxa junto?

Há nomes que se podem ver como pioneiros. Exatamente por isso são eles importantes: num tempo em que se falava pouco, eles tentaram compreender realidades que depois se mostraram vitais. O judeu de família portuguesa Baruch Espinoza, na Holanda, vê a discussão dos intérpretes da Escritura: judeus, católicos e protestantes que se contradizem com acusações reiteradas de infidelidade dos outros, vê também como a sua própria leitura é difícil e insegura em quase tudo que a Bíblia traz. Mas é um filósofo e quer encontrar um caminho mais seguro para interpretar com objetividade e também, quem sabe, com maior concordância uma fonte da fé que é rica e mesmo indispensável. Vale a pena acompanhar essa leitura que faz o autor, ele também um filósofo com mestrado em ciências da religião: João Décio de Passos.

Se a Palavra de Deus escrita precisa de regras para ser reexaminada diante dos movimentos da história e da cultura, a teologia, que já é uma interpretação racional e vital dos dados mais estáveis da revelação se apresenta como mais sujeita aos movimentos da linguagem e da leitura. O Pe. Carlos Eduardo Catalfo estuda a história e as implicações de a revelação ter tomado de maneira pronunciada a condição de Palavra que faz dela facilmente uma abstração onde a vida encontra dificuldades em se reconhecer com clareza, Existe uma tensão entre o dinamismo das necessidades que a revelação quer iluminar e as formulações

de que ela se reveste e que o tempo e a história renovam continuamente. Entre a generalização e a particularidade, a fé, essa vivência da revelação, sente-se em tensão e duros trabalhos para manter-se coerente e iluminadora. Uma leitura animadora.

Os alunos do quarto ano tiveram na aula uma visão teológica do batismo. Mas na prática de seu encontro com o povo, não viram facilmente essa teologia ser assimilada de maneira neutra. O povo também pensa e faz sua reflexão ao querer justificar-se perante sua ação de fé. O interesse pastoral levou esses alunos a ouvir mais intensamente os não militantes: os que aceitam a fé, mas preferem não ser funcionários dela. A lição é interessante para todos os pastores. Certamente foi um ensaio que ficou longe de poder comparar com profundidade, faltou por exemplo examinar com as mesmas perguntas os “engajados” (até sacerdotes) para se poderem comparar os dois grupos, mas certamente há um *valor indicativo* na pesquisa e foi feita uma *elaboração pessoal de uma teologia mais encarnada* de que você poderá aproveitar o assunto e o modelo.

A mesa está pronta, é só servir-se.

Pe. Antonio Silva CSSR
Diretor